
Televisão e reestruturação profissional: os marcos da mudança tecnológica no trabalho do jornalista Elias Neto da TV Centro América¹

Aline M. C. F. SANTOS²
Annelise B. BEZERRA³
Nayara S. CHAGAS⁴
Luã J. V. CHAGAS⁵

Resumo

As influências tecnológicas e sociais que o telejornalismo sofreu ao longo dos anos, desde as mudanças nas rotinas produtivas, alteração no perfil do âncora até o advento das novas mídias digitais perpassam diferentes níveis da construção das notícias. Neste artigo a reflexão parte de uma entrevista e análise sobre as mudanças do caminho profissional do jornalista e âncora da TV Centro América em Cuiabá, Elias Neto. Assim, buscamos compreender como a reestruturação profissional somada com as mutações do fazer jornalístico fizeram com que a busca de novos modelos estruturais levassem a novas forma de trabalho na relação entre o apresentador, o público e a produção noticiosa.

Palavras-chave: âncora; jornalismo; reestruturação profissional; televisão.

Introdução

As mudanças nos perfis profissionais com a convergência multimídia atingem não somente os aparatos técnicos dos meios de comunicação. É possível dizer que a digitalização dos espaços, redações e formas de difusão das notícias atingem diferentes níveis nos quais estão inseridos os profissionais. Dessa forma, é preciso entender como os perfis estão se adequando ao modelo multitarefa, com menos jornalistas e ao mesmo tempo em um ritmo de trabalho veloz e exigente em tempos de notícias falsas e polarização política no país.

Os espanhóis Ramón Salavarría e José García Avilés (2008) em análise sobre as mudanças tecnológicas pensam a convergência não somente como uma mudança cultural, mas sobretudo como um processo multidimensional impactante em quatro níveis: profissional, empresarial, tecnológicos e de conteúdo. Nesse sentido, o objeto de

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019

² Estudante do 4º Período do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal do Mato Grosso. Email: ialinemartielly@gmail.com.

³ Estudante do 4º Período do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal do Mato Grosso. Email: annelisebertuzzi12@gmail.com.

⁴ Estudante do 4º Período do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal do Mato Grosso. Email: nayarasilvachagas@gmail.com.

⁵ Professor da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro dos grupos de pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas e CICLO - Comunicação Política e Cidadania.. Email: luaanchagas@gmail.com.

nossa pesquisa são os marcos de mudança no perfil de trabalho do jornalista Elias Neto, presente na redação da TV Centro América de Cuiabá em Mato Grosso há 40 anos.

O objetivo é analisar a reestruturação profissional pensada a partir da divisão de Vizeu e Lordêlo (2015) entre a produção de notícias “fordistas” e “flexíveis”. Para tanto, utilizamos como método a entrevista semi-estruturada na ótica de Triviños (ANO) que visa adentrar questões objetivas e subjetivas com um tópico de discussão formado por questionamentos como o a) início da profissão; b) mudanças pelas quais passou; c) adaptação a novas tecnologias; d) exigências da atualidade.

Natural de Cáceres, cidade situada a 214km da capital Cuiabá, Elias Neto começou desde cedo na área da comunicação, inicialmente na rádio Difusora de Cáceres, na qual adentrou após ser “descoberto” enquanto fazia locuções em lojas da cidade. Em janeiro de 1982, Elias Neto se mudou para Cuiabá para trabalhar na Rádio Cultura de Cuiabá onde trabalhou por um ano e depois foi convidado a trabalhar na rádio Vila Real. Adentrou no telejornalismo através da TV Brasil Oeste, no jornal NotiCentro com duração de apenas 8 minutos. Ingressou na TV Manchete em 1984 quando foi lançado o telejornal Mato Grosso em Manchete. Entre rádios e telejornais, Elias chega a TV Centro América em 1992, onde permanece até hoje.

O profissional na história do telejornalismo: do âncora ao perfil multitarefa

O Telejornalismo brasileiro tem seu início em 1950 com um impacto social que proporcionou grandes mudanças na comunicação. Um dos profissionais que alterou seu modelo de trabalho é o âncora que tem desenvolvido papel fundamental nos jornais televisivos brasileiros, para além da função de manter o telespectador informado. Na atualidade, esse jornalista tem a missão de desenvolver uma interação com o público, proporcionando um diálogo entre a mídia e o telespectador. Do Repórter Esso ao modelo utilizado pela TV Globo nos anos 1970, a procura pela fidelidade da audiência passava pela possibilidade de uma certa interferência na vida de quem assistia com a presença diária do âncora nos lares brasileiros.

É importante ressaltar, que sempre foi de responsabilidade do profissional estabelecer esse papel de ligar os acontecimentos diários com o público. Portanto, ser carismático ao reportar as notícias se tornava necessário, pois as pessoas precisavam se contagiar com a presença para responder às interações propostas pelos interlocutores.

Afinal, eles funcionavam como um porta voz da empresa de comunicação a qual estavam ligados.

Um âncora nasce com a junção da linguagem e a dicção na entonação das palavras e, principalmente pelo tom empregado na narração das notícias, o que caracteriza os telejornais que foram se desenvolvendo ao longo dos anos 1970 e 1980. O conjunto envolvia nas primeiras formas de aparição do profissional no meio, boa aparência, postura e desenvoltura do apresentador, com uma linguagem ainda como uma função especial na dinâmica de atrair a atenção de quem está assistindo. A notícia que seguia o padrão, precisava ser escrita de forma clara e de fácil entendimento, com palavras utilizadas no dia-a-dia e na ordem direta para não gerar desentendimento ao telespectador.

Com a estreia do primeiro telejornal no Brasil, “Imagens do Dia” da TV Tupi de Assis Chateaubriand, foi necessária uma representação imagética da notícia mesmo sem edição alguma e foi sob o comando de Maurício Loureiro Gama (MELLO, 2009). As primeiras imagens foram veiculadas em cadeia televisiva na cidade de São Paulo sem horário previsto para término, pois o telejornal fazia a transmissão ininterrupta de todos os fatos e suas imagens. Desde então o telejornalismo, conquistou espaço na vidas dos brasileiros.

A televisão impõe aos outros meios de informação suas próprias perversões, em primeiro lugar com seu fascínio pela imagem. E com esta ideia básica: só o visível merece informação; o que não é visível e não tem imagem não é televisável, portanto não existe midiaticamente. (RAMONET, 1999, p. 26-27)

Apesar da inovação surgida com o advento da televisão, o rádio ainda se destacava naquele momento entre os principais meios de comunicação no Brasil junto com o jornal impresso, sendo a linguagem dos telejornais muito semelhante às produzidas pensando a construção da notícia para o aparato sonoro. As frases tinham um caráter detalhista e eram longas, os acontecimentos eram passados da forma exata de como ocorreram, cheio de detalhes. Assim, foi pensando em explorar o potencial televisivo que o programa *Repórter Esso*, já um sucesso do radiojornalismo, vai ao ar também na televisão ainda na década de 50, com a frase de efeito “Aqui fala seu repórter Esso - testemunha ocular da história”. Por 18 anos essa frase colocou milhares de brasileiros à frente das telas. Gontijo Teodoro comandava o programa e permitiu que

os locutores de rádio adentrassem na televisão e ganhassem espaço, também, como porta-voz da notícia nas telinhas.

A transposição do discurso radiofônico do Repórter Esso para a televisão com a adaptação do formato que incluía imagens de agências de notícias internacionais, demonstra a forma com que uma nova tecnologia se apropria de outra já estabelecida. O conceito de remediação, de Bolter e Grusin (1999) nesse caso impacta diretamente a televisão em si que traz os principais nomes do rádio para dentro de seus estúdios, como a formação profissional do âncora, o perfil de produção jornalística e os modelos de trabalho que vão durar até a convergência de mídias.

No início o telejornal apresentava um formato “tele-radiofônico”, pois visava apenas a apresentação de textos e poucas imagens. Seja pelo carácter muito próximo aos programas de rádio que originaram sua criação ou pelas deficiências técnicas no início, os profissionais não estavam ambientados com a televisão, com o caso de notícias que chegavam com até 12 horas de atraso em muitas situações. O cenário começou a mudar quando o Repórter Esso firmou apoio da agência de notícias norte-americana *United Press*, o que gerou um carácter menos oral e com mais ilustrações dos materiais.

Aproveitando uma época de grandes mudanças a TV Excelsior lançou o “Jornal Vanguarda”, no qual os jornalistas eram os próprios produtores e cada editoria tinha cronistas responsáveis. A maioria vinha dos jornais impressos e levavam suas experiências para o Telejornal (MELLO, 2009). Por esse motivo, o “Jornal Vanguarda” acabou se destacando pela qualidade na seleção das imagens, o texto era dinâmico e de fácil compreensão, seu formato diferenciava de qualquer outro telejornal.

Com a chegada da Ditadura Militar, muitos telejornais deixam de existir, como aconteceu com o Jornal Vanguarda. O Ato Institucional nº 5 estabeleceu a censura irrestrita que acabou colocando locutores no lugar dos jornalistas nos telejornais. O texto passa a ser simplesmente lido e o modelo norte-americano passou a ser seguido de forma integral (MELLO, 2009).

No dia primeiro de setembro de 1969, nascia o Jornal Nacional (JN), o primeiro programa gerado no Rio de Janeiro através do sistema de transmissão de satélite e microondas da Embratel, método implantado pelo grande investimento tecnológico realizado na época da Ditadura Militar. Segundo Piccinin (2008), o JN contou com um amplo investimento do governo militar e teve um aprimoramento da sua linha de programação. O jornal assinalava que o modelo do telejornalismo brasileiro se

caracterizava pelo estilo “clean” americano que reforçava a exigência da simplicidade a qual seria capaz de garantir um completo entendimento da mensagem noticiada e ainda atrairia uma grande audiência. Para Squirra (1993, p. 14), “em 1988, 90% dos telespectadores sintonizavam o Jornal Nacional da rede Globo porque achavam ‘fácil entendê-lo’”. Ele ainda destaca que a Rede Globo seria a responsável por uma implantação técnica mais elaborada na produção dos Telejornais brasileiros:

A partir da aproximação dessa rede dos padrões administrativos e de produção norte-americanos, a Central Globo de Jornalismo passou a refletir sobre os modelos adotados e produziu seus ‘Encontros de Telejornalismo’, que eram textos produzidos pelos jornalistas da rede e que foram editados pela sucursal de São Paulo, a partir de 1980. Em seguida, esta pequena apostila foi aperfeiçoada e deu origem ao ‘Manual de Telejornalismo’, publicado em 1985. (SQUIRRA, 1993, p.25)

A TV Bandeirantes também lançou o telejornal “Titulares da Notícia” que possuía um formato diferenciado com a preocupação de selecionar os assuntos que visavam os problemas da sociedade e incluía os depoimentos das pessoas. O principal objetivo era a conquista do público. A época foi marcada pela grande vontade dos telejornais em reformularem a forma de fazer jornalismo, principalmente com a estratégia de dar mais espaço para os jornalistas produzirem as notícias que iriam apresentar. A reestruturação profissional nesse sentido marcou, de acordo com Mello (2008), um período de grande avanço para os telejornais que buscavam ampliar sua credibilidade junto ao público.

O perfil esperado do âncora era que além do bom desenvolvimento da oratória, tivesse também uma boa postura e apresentação diante das câmeras. Ficava a critério da maioria das emissoras a escolha das roupas, da maquiagem e até mesmo o corte de cabelo do apresentador. Ainda para Squirra (1993), os fundamentos do modelo brasileiro de telejornalismo possuía uma inspiração total do modelo da TV americana.

Buscaram-se nas emissoras americanas, que ainda hoje inspiram a televisão tupiniquim, os receituários estéticos. Na verdade, os americanos colocam a imagem, a estética, a serviço do conteúdo. Aqui aconteceu o contrário. Exacerbou-se na forma. (CASOY apud SQUIRRA, 1993, p.124).

A preocupação com a forma de apresentar as notícias, fez a Globo pensar meticulosamente na imagem de um apresentador que atraísse, sobretudo o público feminino, número significativo da audiência naquele horário. Diante dessa preocupação surge a imagem de Cid Moreira, jornalista experiente que se destacou na apresentação

do *Jornal Vanguarda* e que correspondia perfeitamente ao perfil desejado pela emissora Globo.

Cabelos prematuramente grisalhos, ar concernido, voz de barítono a baixo conforme as necessidades, a presença diária de Cid é um exemplo raro de neutralidade no sentido de constância, homogeneidade e monotonia (único tom) que ele “imprime” a qualquer notícia, ressaltando o tom pela rigidez de postura. À leitura, os olhos postos no miolo da lente da câmera, ou seja, no telespectador em casa. (GLEISER apud REZENDE, 2000, p. 114).

O telejornalismo brasileiro foi dividido em dois momentos do fazer jornalístico, segundo Vizeu e Lordêlo (2015): as rotinas produtivas fordistas, século XX, e as rotinas produtivas flexíveis, século XIX, que mostram o fluxo constante de mudança, essas transformações ressaltam que as rotinas das redações não se caracterizam por serem mecânicas, mas sim mutáveis e estabelecem uma construção social da realidade a partir de novos desafios.

Pode-se caracterizar as rotinas produtivas fordistas por apresentarem um caráter padronizado onde as funções e os processos eram fixos como uma linha de produção. Os jornalistas chegavam nas redações e tinham suas atividades já estabelecidas, as notícias eram categorizadas e as rotinas eram monótonas, as produções chegavam a serem alienadas de conteúdos e tiravam a arte de se fazer jornalismo. É um momento onde a reportagem se torna apenas um produto.

Atualmente as rotinas produtivas noticiosas estão assumindo um caráter reconfigurado, os jornalistas precisam ser profissionais polivalentes nas multimídias e devem se estabelecer nas multiplataformas que englobam tanto os meios televisivos quanto os digitais. As práticas flexíveis possuem três distinções principais do modelo fordista, consolidado nos anos 70, “a) *Produção* – no atual cenário apresenta-se uma tendência renovada das estratégias de integração pela adoção dos meios digitais, configurados como canais de integração (veículos e meios) e interação (profissionais e fontes); b) *Distribuição* – na configuração atual aponta-se uma flexibilização da produção entre o meio televisivo e digitais; c) *Perfil profissional* - no modelo corrente, a polivalência passa pela flexibilização de forma estrutural, dos temas e funções dos profissionais nas redações, somado a orientação de naturalização da atuação em variados meios, funções e temas: polivalência multimídia”. (VIZEU e LORDÊLO, 2015, p. 11)

Dessa forma, as rotinas produtivas bem como o perfil esperado do âncora dos telejornais brasileiros vêm se reconfigurando, afinal o fazer jornalístico na atualidade é flexível, como destacam Vizeu e Lordêlo (2015), envolve profissionais polivalentes que precisam se estabelecer nas multiplataformas existentes tanto no próprio meio televisivo como no mundo digital. Os conceitos um tanto quanto conservadores e antiquados passam a ser flexibilizados pelos profissionais. É fato que o processo na fase da multiplicidade da oferta (BRITTOS, 2010) ainda está em curso, pois as características tradicionais por partes dos grupos da comunicação que formam as redes de TV brasileiras ainda têm como base um jornalismo centrado em mídias estruturadas no modelo fordista.

Assim, ainda é possível perceber uma vertente que não visa um modelo de integração, caracterizando o fazer jornalístico como algo não convergente de fato. Em muitos casos, lógica fordista ainda se mantém no cotidiano profissional pelos problemas enfrentados com demissões de jornalistas e o baixo número de profissionais nas redações (VIZEU e LORDÊLO, 2015). As rotinas produtivas fordistas resistem à integração nas redações e operam uma linha de produção noticiosa. As atividades se tornam ancoradas em um sistema que foi consolidado nos anos 70.

Por fim, para Porcello (2006, p. 13), os noticiários “são hoje a principal fonte de informação da sociedade brasileira: mais barata, mais cômoda e de fácil acesso [...]. O telejornalismo ocupa hoje um lugar central na vida dos brasileiros”. Há que se considerar, no entanto, as formas de trabalho a que âncoras são submetidos com as mudanças tecnológicas da atualidade. Do modelo profissional consolidado no modelo fordista que inspirou os primeiros telejornais do Repórter Esso, Titulares da Notícia e o próprio telejornal, vivemos hoje uma produção de notícias flexíveis, construídas para diferentes ambientes em uma lógica que foge da transmissão convencional para a televisão. Porém, de que forma isso afeta os profissionais que passaram da forma tradicional ao ambiente permeado pelo multitarefa? Fazer essa ponte é reconhecer o papel central da televisão no ambiente comunicacional brasileiro, bem como analisar os perfis profissionais na ótica do newsmaking e das situações que regem o profissionalismo jornalístico na atualidade.

O perfil profissional de Elias Neto e a reestruturação profissional

Analisar a reestruturação profissional e as mudanças no perfil do jornalista Elias Neto da TV Centro América, passa da perspectiva histórica para os constrangimentos organizacionais e formas de trabalho no telejornalismo da atualidade. O objetivo é estruturar a pesquisa em torno das transformações com foco no âncora que atua na capital mato-grossense há 37 anos e vivenciou na redação as questões discutidas no modelo fordista até a flexibilização da construção das notícias.

Para tanto, utilizamos como protocolo de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada, que segundo Triviños (1987) pretende explorar questões objetivas e subjetivas nos seguintes aspectos: a) início da profissão; b) mudanças pelas quais passou; c) adaptação a novas tecnologias; d) exigências da atualidade.

Se tratando desse tipo de entrevista, como o próprio nome direciona, a atenção é dada a formulação de perguntas que vão contribuir com o processo de investigação do tema estudado. Segundo Triviños (1987) a entrevista semi-estruturada caracteriza-se por questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que estabelecem relações com o tema da pesquisa, a partir das respostas desses questionamentos surgem novas teorias e hipóteses que podem ser desenvolvidas pelo investigador-entrevistador. Como o próprio autor sugere, ela “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Dado o método de desenvolvimento da pesquisa, Elias Neto nos concedeu uma entrevista no prédio da TV Centro América, afiliada a rede Globo de televisão, onde trabalha atualmente. Com um roteiro pré estabelecido, Elias Neto nos respondeu algumas perguntas importantes acerca de sua história como um profissional da mídia, bem como foi passar pelas fases de reestruturação na sua profissão, apesar do enfoque dado pelas perguntas pudemos conhecer também, no desenrolar da entrevista, o lado pessoal do jornalista e apresentador, o que foi muito importante para o desenvolvimento da pesquisa e para construção do seu perfil profissional.

O início da profissão de Elias Neto foi marcado pela participação como âncora na TV Brasil Oeste em 1982, no NotiCentro, um telejornal de oito minutos no qual definiu como “situação bem precária” as condições de produção à época. Assim como Gagliano Neto, primeiro âncora de um telejornal no Brasil no Repórter Esso, o jornalista de Cuiabá também teve as primeiras experiências no radiojornalismo para

depois se estabelecer na televisão. Segundo explicou, ainda passou para a Manchete, que ficou cinco meses até iniciar em dezembro de 1984 na TV Centro América onde está até a atualidade.

Prestes a completar 40 anos de carreira, Elias conta que passou por diversos momentos em sua profissão, por ter ingressado no meio jornalístico desde muito cedo ele pode acompanhar os avanços tecnológicos que elevaram o fazer jornalístico a outro nível. Ainda no modelo de jornalismo fordista, como explicam Vizeu e Lordêlo (2015), a estrutura foi apontado como um dos aspectos que mais foram alterados ao longo do tempo de trabalho.

A estrutura em termos de tamanho era muito grande, era muito pesada. Para você fazer uma transmissão você tinha que levar um caminhão, um microônibus com uma micro emissora lá dentro, era via Embratel, para época de uma forma bastante evoluída. Hoje não, hoje a estrutura encolheu, está menor, mas muito mais potente exatamente por conta das novas tecnologias. Você consegue fazer uma transmissão via celular e dependendo da qualidade da internet a transmissão sai perfeita, dá alguns probleminhas, mas você consegue e também é possível transmitir de locais que antes você não conseguiria, não seria capaz de transmitir. (NETO, 2019)

Elias ainda ressalta a grande importância da internet para o jornalismo, pois segundo ele, a inovação foi capaz de renovar um sistema tradicional que acompanhava desde muito tempo as produções jornalísticas. É válido ressaltar, no entanto, que as possibilidades tecnológicas não são fatores determinantes para se fazer jornalismo, pois mesmo antes do advento da internet já se produzia de forma plausível e interessante para a época. Entretanto, autores como McLuhan (1964) já afirmavam que o homem tinha a capacidade de se apaixonar pelas tecnologias que possibilitam, muitas vezes, a sensação de serem um reflexo do seu próprio eu.

Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou autoamputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo. [...] Como extensão e aceleração da vida sensória, todo meio afeta de um golpe o campo total dos sentidos. (MCLUHAN, 1964, p. 63).

Assim, a adaptação às novas tecnologias aconteceu de forma natural, segundo Elias a internet trouxe para o jornalismo uma nova linguagem, um novo jeito, uma nova cara, mas ele afirma que já se falava antes mesmo desse advento de se fazer uma modificação nas rotinas produtivas da época: “Já se falava em fazer um jornalismo conversado, fazer uma desconstrução daquele padrão obrigatório que existia” (NETO,

2019). Ainda de acordo com McLuhan, após se ter contato com as novas tecnologias se torna difícil viver sem elas, é como se nunca tivesse existido um universo anterior aquele advento, portanto a comunicação deu um passo importante e, talvez, irreversível, afinal não conseguimos mais imaginar o jornalismo sem as grandes possibilidades e mudanças que a internet trouxe.

Para Elias, o advento da digitalização ou das “notícias flexíveis” modificaram a forma como o telespectador vê os telejornais, pois atualmente as pessoas têm a possibilidade de ter acesso a edições passadas dos telejornais, podem, além disso, interagir enviando mensagens, sugestões ou dúvidas para a redação. Isso proporciona uma alteração no público, que passa a ver o âncora do telejornal como uma pessoa acessível.

Nesse atual momento de convergência, o profissional precisou se atualizar para poder ter uma atuação nas multiplataformas, antes a exigência profissional era que o jornalista tivesse um padrão formal e principalmente uma postura exemplar, “Éramos engessados, existia um padrão pelo qual precisávamos seguir, a forma de se vestir e como se portar diante as câmeras, era extremamente clássico” (NETO, 2019). Hoje o padrão obrigatório foi desconstruído, as linguagens se tornaram menos robustas e passam a ser ainda mais coloquiais, do âncora se espera, atualmente, naturalidade, ele precisa ser gente como aquele que assiste, precisa ser acessível, ser humano, ter empatia e alteridade, precisa demonstrar mesmo que singelamente suas opiniões, seus anseios, suas revoltas.

É como se nós estivéssemos sentados ao lado do telespectador e conversando com ele, ao mesmo tempo uma linguagem em que ele também possa ouvir e entender porque as pessoas às vezes acaba não parando para assistir à televisão, elas ouvem a televisão, afinal o dia-a-dia do ser humano passou a ser uma loucura, no ritmo das agendas eletrônicas. (NETO, 2019)

Assim, o estilo fordista é confirmado como um modelo antiquado perto das novas carências do fazer jornalístico. Segundo Neto (2019), antes as redações contavam com o apoio de profissionais especializados em determinadas áreas específicas, o jornalista tinha uma função pré-definida e, muitas vezes, não se era cobrado pela polivalência defendida atualmente. Os profissionais da área destinados ao fazer telejornalístico não se arriscaram em outros campos do jornalismo: “Aquele que fazia TV fazia TV” (VIZEU e LORDÊLO, 2015). A busca pela reconfiguração foi atendida

na medida que os jornalistas passam a ser cobrados pela polivalência, já que o telespectador busca um padrão que fuja de diálogos artificiais e proporcione uma aproximação entre o apresentador e sua audiência. Esse modo de fazer telejornalismo originou um caráter mais livre e vivo, por outro lado interferiu diretamente no trabalho dos profissionais. Dessa maneira, as rotinas produtivas flexíveis se distanciam do modelo fordista que se posiciona contrariamente à integração nas redações e no cotidiano de quem assiste.

Hoje em dia as pessoas não conseguem mais parar para se reunir em volta da televisão, se não me engano de 15 em 15 minutos muda se o telespectador. Assim, a internet veio para auxiliar, hoje as pessoas entram e conseguem assistir reportagens antigas, as pessoas curtem e compartilham e aí segue esse caldeirão de informação. Essa é a nova linguagem. (NETO, 2019)

É fato que novas demandas foram surgindo a partir do crescimento da internet e a proliferação rápida de notícias aguçou os debates entre as gerações, modificaram uma sociedade, proporcionando a ela uma intensificação na relação com o jornalismo. Mais do que nunca as produções jornalísticas estão a serviço do público e fortalecem a democracia. Um dos primeiros estudiosos da relação entre a sociedade e as notícias, Robert E. Park na década de 1920 já destacava a importância da informação na sociedade quando citando Thomas Jefferson, afirmou que preferia viver “num país com jornais e sem Governo do que viver num país com governo e sem jornais”. Portanto, as transformações derivadas de adventos tecnológicos elevaram o jornalismo a um outro patamar, que possibilitaram a sociedade atual um contato ímpar com a informação.

O profissional polivalente, nesse sentido, se torna indispensável na medida em que a atuação do jornalista é precedida pelo acúmulo de tarefas no modelo de produção flexível. No caso de Elias Neto, esse debate engloba desde as diferentes formas de transmissão das notícias e as linguagens, como parte da modificação no perfil do telejornalista. Essa convergência se caracteriza como uma estratégia nas rotinas produtivas da atualidade apontadas por Vizeu e Lordêlo (2015) e na contramão do que afirmaram Squirra (1993) e Mello (2009) quanto ao âncora.

Na atualidade, o profissional participa do processo de edição da notícia até a sua publicação tendo um maior controle sobre como será noticiado. É fato que, para chegar ao patamar atual o Telejornalismo enfrentou vários desafios que dificultavam a comunicação. Um deles é o desenvolvimento tecnológico que chegou a demandar do

mapeamento da cidade para conseguir encontrar os pontos possíveis para uma transmissão ao vivo: “Quando nós começamos a fazer o ao vivo lá de fora eu participei de um mapeamento da cidade, saímos com nossa unidade móvel para levantar uma torre, uma parábola, um equipamento onde nós ficávamos procurando a direção da torre da TV Centro América para mandar o sinal” (NETO,2019).

Há que se considerar nesse sentido que as mudanças tecnológicas somadas à utilização da internet nos telejornais criaram uma aproximação com telespectador e caracterizam a nova linguagem nos âmbitos aqui citados. As mudanças pelas quais o jornalista passou, as adaptações a novas plataformas e as exigências da atualidade interferem no fazer jornalístico cada vez mais mutável.

Considerações finais

Frente às inovações, o telejornalismo busca a reestruturação profissional, tecnológica, de conteúdos e empresarial que se diferenciam do modelo “fordista” da década de 1970. A configuração na atualidade busca novas portabilidades, mobilidades e forma de interação digital que permitam a utilização da multiplataforma. Isso implica em uma reorganização das rotinas produtivas que as tornem flexíveis na forma estrutural, nos temas e nas funções dos profissionais nas redações.

Com quase 40 anos de jornalismo, Elias Neto teve a oportunidade de acompanhar as mudanças tecnológicas e sociais em sua área. Ele começa em uma época em que não se imaginava os avanços que ainda poderiam acontecer, reafirmando o potencial da produção jornalística em momentos de adaptação e readaptação às mídias digitais e tudo agregou ao telejornalismo. Neto argumentou que a internet possibilitou facilitando uma aproximação com o telespectador, mas também uma reconfiguração em questões como exigências, velocidade da informação, entre outros constrangimentos organizacionais.

Ao se falar da modernização o telejornalismo sofreu ao longo das últimas décadas, é esperado que o profissional da área acompanhe essas mutações. No modelo de notícias flexíveis, a polivalência do jornalista passa a ser necessária a partir do momento que estamos vivenciando um tempo de multi ações, multitarefas e multi acontecimentos.

Ao mesmo tempo em que se exige o domínio de várias áreas da notícia com contextualização e aprofundamento, a formação precisa estar focada na possibilidade de

assumir diversos papéis em uma redação. Em tempos de polarização, as questões permanecem e poderão ser abordadas em trabalhos futuros. Principalmente diante de exigências como a capacidade de reflexão do telejornalismo em meio a tantas necessidades para uma profissão que busca esclarecer e informar diversidade de vozes, crítica e com responsabilidade.

As reflexões e transições sofridas pela profissão apontam para novas possibilidades de pesquisas, questionando como o(a) jornalista precisa se reinventar para acompanhar essa mutabilidade. Mais que polivalentes, as exigências de disposição, da busca do novo e da reformulação constante de seu trabalho diante das novas linguagens passa também pelos constrangimentos organizacionais enfrentados em meio às cobranças de qualidade, simplicidade e transparência.

Referências bibliográficas

BOLTER, Jay David, GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding new media**. Cambridge: MIT Press, 1999.

BRITTOS, Valério Cruz. Digitalização, democracia e diversidade na fase da multiplicidade da oferta. In: _____ (Org.). **Digitalização, diversidade e cidadania: convergências Brasil e Moçambique**. São Paulo: Annablume, 2010.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo. Cultrix, 1964.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>.

NETO, Elias. **Entrevista realizada no dia 29 de março de 2019**. Cuiabá, 2019.

PICCININ, Fabiana. **Notícias na TV Global: diferenças (ou não) entre o telejornalismo americano e o europeu**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/piccininfabiana-telejornalismo-ameicanoeuropeu.html>

PORCELLO, Flávio. Introdução in: Vizeu, Alfredo; Mota, Célia; Porcello, Flávio. (Orgs). **Telejornalismo: A nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006.

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**: Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

REZENDE, G. J. de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SALAVERRÍA, R.; GARCÍA AVILÉS, J. A. **La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo**. Trípod, Barcelona: Universitat Ramon Llull, n. 23, p. 31-47, 2008.

SQUIRRA, Sebastião. **Boris Casoy, o âncora no telejornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1993.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

VIZEU, Alfredo Eurico; LORDÊLO, Tenaflae da Silva. **65 anos de telejornalismo: das “notícias fordistas” às “notícias flexíveis”**. e-compós: 2015 Em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-f447a67b-8fb0-4bf8-bc83-c742085ec5e0_2844.pdf Acesso 21/07/ 2017